

# DIREITOS HUMANOS E ANTROPOLOGIA EM AÇÃO



31<sup>a</sup> RBA - Reunião Brasileira de Antropologia  
9 a 12 de dezembro de 2018 Brasília - DF

## Aquele índio é gay: sexualidade e etnologia, um estudo de caso Apinajé

Caroline Soares da Silva<sup>1</sup>

*Nada é mais autoritário do que dizer ao  
outro que ele não é o que é.*

*Eliane Brum*

### Resumo:

Este trabalho tem como finalidade entender a relação que se estabelece entre um indígena homossexual de etnia Apinajé e sua comunidade, família e sociedade envolvente, no contexto de possíveis evidências de preconceito oriundo ou não da própria cultura da etnia ou apropriada por estes pela aproximação com a cultura ocidental fruto de uma colonização cristã de demoniza a homossexualidade tratando-a em determinadas situações como doença e em outras como desvio de comportamento que se apresenta em alguns momentos da vida cotidiana deste sujeito. O que será apresentado são considerações baseadas na pesquisa de campo aliada a análises bibliográficas acerca das características culturais da etnia Apinajé a que temos disponível no que se refere aos estudos de gênero, sexualidade e identidade tentando perceber em que lugar estão inseridas as sexualidades dissidentes da heterossexualidade normativa imposta para assim poder traçar minimamente um perfil dele e seu convívio, adequação e incorporação nas atividades cotidianas e culturais da comunidade.

---

<sup>1</sup> É mestranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás. É bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); carolinesoasilva@gmail.com.

Palavras-chave: Homossexualidade. Apinajés. Sexualidade.

## INTRODUÇÃO

Procurando entender a relação que se configura entre um indígena “homossexual” da etnia Apinajé e sua comunidade. O mesmo se autodeclara *Gay*, deixando claro aos demais sua orientação sexual. No que diz respeito a essa temática, o que me chama atenção é o modo como os demais indígenas entendem esse sujeito dentro da organização social da comunidade, pois, situacionalmente, este meu principal interlocutor de pesquisa se coloca ora em posição de práticas “femininas” ou “masculinas” (de acordo com a configuração social da etnia em questão)<sup>2</sup>. Tal fator acaba por tornar, aos meus olhos de pesquisadora interessada nas discussões sobre gênero e sexualidade, esse sujeito um ente produtor de curiosidade antropológica.

Minhas observações em relação ao meu informante se iniciaram muito antes da ideia que tinha de estudar a homossexualidade indígena, assim que o conheci no ano de 2014, no evento, “Encontro de Pajés” ainda com cabelo grande, entre as mulheres, sorridente, mas pouco falante, esboçando certa timidez, o conheci como parente de uma amiga também Apinajé da Aldeia Prata e filho de uma liderança feminina na aldeia abacaxi, aldeia fundada por sua mãe e mais outras mulheres provenientes da Aldeia São José, sua mãe é uma das mulheres que na época de menina, andava com as filhas de Maria Barbosa<sup>3</sup>, mas levei ao conhecimento dele meu interesse em pesquisar sua relação com a comunidade e como entendem a sua sexualidade só iniciou em abril de 2017 e finalizando, por hora, minha pesquisa em dezembro do mesmo ano, tendo um total de 8 meses de contatos semanais.

Conforme análise de Rocha (2001), acerca do que podemos entender como se constroem o feminino e o masculino na etnia e seus papéis nas tomadas de decisão entre os Apinajé,

Há, em boa parte da literatura Jê Central e Setentrional, um consenso de que estas etnias organizam suas sociedades como base em um princípio dual. Penso que, sobre esse princípio dualístico, está baseada uma leitura sobre a

---

<sup>2</sup> Utilizo os adjetivos “masculino”/“feminino” entre aspas por entender que gênero é uma categoria analítica usada para desnaturalizar os atributos culturais, sociais e históricos que conformam os sujeitos a papéis específicos de “masculinidade”/“feminilidade” (Scott, 1988). Nesse caso, as aspas são aqui utilizadas estrategicamente como um recurso de escrita tal como Noletto (2016) as utilizou para problematizar a artificialidade cultural de atributos “masculinos” e “femininos” em seu contexto de pesquisa.

<sup>3</sup> Liderança Apinajé, conhecida por lutar pela demarcação da terra indígena apinajé em 1985.

construção social dos gêneros dicotomizada em esferas opostas e complementares entre si. Mulheres e homens são, através do princípio dual, classificados entre os domínios público e doméstico, central e periférico, natural e cultural, (ROCHA, 2001, p. 4)

Porém as mulheres Apinajé, têm suas falas levadas em consideração tanto no centro - pátio (local considerado pelo Jê masculino) quanto nas periferias – Casas (local reservado às mulheres), quando aquelas como Maria Barbosa, tomam forma de liderança para além da escolha dos Líderes que vão representar o grupo.

Ou seja,

A performance de agentes como Maria Barbosa e outras mulheres com clara influência nas relações políticas e o reconhecimento por parte da comunidade dessas lideranças [...] A escolha de realizar uma pesquisa de campo entre os Apinajé deu-se, [...] a relevância de estudo nessa sociedade, com base na existência de eventos e trajetórias pessoais interessantes à discussão dos gêneros masculino e feminino. (ROCHA, 2001, p. 10)

Ainda sobre esse mundo feminino em que meu informante se inseriu, muito provavelmente por intermédio de sua mãe e um pouco por se identificar mais por este universo que o outro (masculino), o Pesquisador Odair Giraldin pondera a necessidade de ser uma etnóloga aquela a ter mais facilidade em pesquisar o mundo feminino, pois há uma relação/questão de gênero muito presente no grupo que impede que, nesse caso, alguém do gênero masculino estaria limitado a se inserir, quando elucidada, “o acesso ao mundo feminino pode ser menos complicado para uma etnóloga do que tem sido para os antropólogos [...]” (GIRALDIN, 2000, p. 223)

Sua mãe era também conhecida por apadrinhar vários *kupê* (não indígena), tendo como amigos formais, estendendo suas relações através da nomeação tornando-se assim madrinha destes, apropriando-se da terminologia não indígena, para assim construir seus grupos sociais como cita Giraldin (2000) quando aborda sobre amizade formal, dessa forma,

Entre os Apinajé, a figura do arranjador de nomes permite estabelecer relações sociais construídas a partir da nomeação, que são semelhantes aquelas que se engendram através das relações com parentes uterinos. A figura dessa pessoa que arranja os nomes (que os Apinajé glosam de “madrinha” e “padrinho”, na tradução que fazem usando a língua portuguesa) amplia a terminologia de parentesco, que seria utilizada apenas para os consanguíneos próximos, para todas as pessoas que estejam relacionadas através dos arranjadores de nomes. Além de estender estas relações sociais, como a existente na família nuclear [...], para as pessoas relacionadas através dos nomes, o sistema onomástico permite estabelecer relações sociais que são criadas exclusivamente através dos arranjadores de nomes, como é o caso dos amigos formais, [...] (GIRALDIN, 2000, p. 107)

Ele demonstra muito respeito e reverência a sua mãe, sentimento confirmado tanto na sua fala quanto nas suas ações. Houve um momento em que estava na aldeia abacaxi, na casa dele e chega um rapaz *kupê* que eles não viam há muito tempo, desde antes da morte de sua mãe, este mesmo rapaz era um dos apadrinhados que ao vê-lo meu informante cai no choro junto a sua avó que inicia o seu canto/choro dos mortos em respeito e devoção a parente falecida que se encontra na aldeia dos espíritos.

Minhas observações e conversas são sempre no ímpeto de entender/aprender ou interpretar a relação que se estabelece entre ele, seus parentes consanguíneos, comunidade e sociedade envolvente. Em vários momentos não percebo discriminação ou afastamento do mesmo em sua comunidade, nos eventos, rituais e festas, ao contrário ele está presente em todos os momentos em posição hora descrita como própria do ambiente feminino, hora, masculino, como em uma das semanas em que convivi com ele dentro da comunidade acontecia uma cerimônia de luto de um familiar de um professor da aldeia, momento em que pude observar com bastante clareza seu trânsito entre os espaços feminino e masculino, pois, ao mesmo tempo em que participou do corte de cabelo junto aos outros homens como é costume na etnia, homens cortam os cabelos dos homens e mulheres cortam os cabelos de mulheres conforme fala do meu informante, também foi para a cozinha auxiliar as mulheres no cozimento dos alimentos no interior da casa para distribuir para os participantes da cerimônia.

Ele diz que sente saudades da mãe, depois dança na minha sala com um colar de miçangas que disse ter feito para mim. Conversando sobre os impactos que a aproximação com a sociedade envolvente tivera nas aldeias ele me diz que os brancos acabaram com os peixes da sua aldeia e me conta uma aventura dele com sua tia quando decidiram entrar em uma propriedade particular situada próximo a terra indígena para pescar, pois a propriedade, mais a construção da barragem da Hidrelétrica de Estreito acabaram com os peixes que podiam pescar em suas terras.

Sobre sua sexualidade ele me informa que há em sua comunidade homens casados que pedem para ter relações sexuais com ele porém ele não se sente a vontade para ter com estes pois prefere ter relações sexuais com homens solteiros. É um rapaz tímido, mas aos poucos passa a conversar comigo sobre sua vida e sexualidade com certa naturalidade. Embora eu perceba, de certo modo, que sua convivência entre os seus na aldeia seja tranquila há certos momentos em que ele relata que algumas pessoas o insultam ou falam mal dele o acusando de ter perdido a cultura, mesmo tendo essas

peessoas que “falam mal” ele diz que não liga para estes, pois há mais gente que o aceita e solicita sua participação nas atividades, rituais e festas promovidas nas aldeias.

Assim como ele Pierre Clastres descreve a convivência de Krembegi que “estava tão à vontade, tranquilo e sereno em seu papel de homem tornado mulher, [...]” (CLASTRES, 2012, p.127) que não o incomodava eventuais desentendimentos por conta de sua homossexualidade.

Ouvi diversas vezes algumas jovens mulheres Apinajé o chamarem de irmã ou amiga, assim como homens parece não enxerga-lo como homem gay no grupo, pois quando perguntados sobre a existência de homens gays dentro do grupo os outros homens dizem desconhecer essa categoria, mas nomeiam esses sujeitos como *Garã*.

Em Clastres (2012, p. 127),

Krembegi, assumira até as últimas consequências sua condição de homem não-caçador, ‘tornando-se’ uma mulher. Ou , em outros termos, Krembegi havia encontrado, por meio de sua homossexualidade, o *topos* ao qual o destinava logicamente sua incapacidade de ocupar o espaço dos homens: [...]

Algumas vezes ele me contou que estava namorando outro rapaz Apinajé, mas que seu relacionamento estava passando por dificuldades pois deveriam manter segredo e ele sentia ciúmes quando este rapaz se aproximava de outros rapazes ou de mulheres, ao que me pareceu era que esse outro rapaz mantinha relações sexuais com ele porem não se configurava como namoro na interpretação daquele pois preferia manter segredo e algum tempo depois ele me informa que não está mais namorando com o rapaz por ele está com uma mulher em vias de se casar, assim, ele

[...] não despertava nenhuma atenção especial: consideravam-se evidentes e adquiridas a sua incapacidade como caçador e a sua homossexualidade. De tempos em tempos, certos caçadores faziam dele seu parceiro sexual [...] mas não ocorreu nunca por parte deles qualquer sentimento de desprezo por ele. (CLASTRES, 2012, p. 126)

Em nossas conversas também identifico que ele mantém relações com alguns homens não indígenas, mas que sente certo medo quando se relaciona com os *kupẽ*, pois diz que são violentos e sempre oferecem bebida em troca de sexo. Esse fato, o de trocas de sexo por bebida alcoólica o coloca diversas vezes em situação de vulnerabilidade quando transita no município onde a terra indígena Apinajé se encontra, pois sempre que vai à cidade tem um contato mais aproximado com o alcoolismo que o deixa por diversas vezes confuso e/ou agressivo.

Desse modo identifico diversas semelhanças entre meu informante e o Krumbegi descrito por Clastres o que me dá quase nítida interpretação da não existência de

preconceitos oriundos da etnia, que o mesmo se manifesta, muitas vezes, através de elementos que não pertencem a cultura do grupo, como da religião cristã ocidental, por exemplo.

É fascinante a admiração que ele demonstra pela sua mãe, que faleceu no ano de 2016, e que mesmo não concordando com seu modo de vida faziam companhia um ao outro, ele diz, e os familiares confirmam que ele a acompanhava em todas as viagens que fazia o promovendo aproximação dele com pessoas de diversas etnias diferentes nessas andanças com sua mãe.

O que me deixou claro é que a rejeição da mãe a sua condição sexual vinha muito mais de uma religiosidade ocidental assimilada pela mesma, pois esta tinha contato com muitos missionários cristãos e por isso obrigava o rapaz a rezar todos os dias com ela afim de “endireita-lo”, como ele diz, mas que não o fez mudar com as orações.

Assim,

[...] não se trata de apontar tão somente como jesuítas e cronistas descreviam a sexualidade na colônia (em particular as sexualidades indígenas) mas de que forma isso se inseria em todo um conjunto de representações sobre selvageria e lascívia, bem como a necessidade de disciplinar os corpos ameríndios. [...] (FERNANDES, 2015, p. 76-77)

Com esse pensamento é importante salientar que os processos de colonização produziram várias diferenças entre determinadas categorias de sujeitos como explica Noletto (2015) quando diz,

[...], ‘raça’ e ‘gênero’ não estão isolados como eixos significantes da diferença, mas sim articulados a outras categorias, tais como, sexualidade, classe, etnicidade e geração, que informam sobre processos de engendramento de complexas estruturas de poder produtoras de racismo, sexismo, conflitos de classe e colonialismos diversos. [...]. (NOLETO, 2015, p. 123)

O mesmo me diz que na sua juventude já quase casou com uma moça de sua aldeia, porém que não deu certo porque ele não conseguia sentir atração por ela fazendo com que o noivado se desfizesse. Já falei em outro momento, no entanto não é redundante repetir quando perguntei no início de nossas conversas se ele gostava de homens ou mulheres ao ponto que me respondeu que amava homens e mulheres porem os homens ele amava como namorado e as mulheres como amigas, demonstrado em suas ações essa fala quando o mesmo não mede esforços para ajudar suas irmãs e amigas nos cuidados das crianças e da casa assim como não se envergonha de demonstrar admiração e interesse nos corpos masculinos que ele vê. Por diversas vezes

ele me diz rindo que acha meu marido bonito e que gostaria de encontrar um homem igual a ele, o que me causa estranheza, não pelo fato de ele falar abertamente sobre sua admiração pelo corpo do meu esposo e sim por ele não se parece em nada com o estereótipo de homem indígena, mas de negro. Falo de estranhamento de minha parte por perceber também em conversa com as mulheres certa aversão e falta de interesse muitas vezes nos corpos masculinos que não se assemelham aos corpos do estereótipo indígena.

Não vou me ater aqui ao entendimento das preferências que atraem os Apinajé sexualmente, mas tão somente deixar evidente uma característica apresentada por ele que se difere, porém não muito, das que percebi em outras mulheres da mesma etnia.

Sua convivência com o pai e os familiares deste não é tão aproximada como os que fazem parte do lado da mãe, pois ele diz que não fala nem com o pai nem com os parentes que são do lado do pai não os reconhecendo muitas vezes nem como parentes por afinidade.

Em um de nossos encontros na aldeia percebi que a casa em que ele morava, casa esta quem morava com a mãe antes dela falecer e que continuou morando após o falecimento da mesma, havia uma parte muito danificada em decorrência de uma chuva no dia anterior e na ocasião ele estava hospedado na casa de sua irmã que mora numa casa que fica por trás da casa em questão, assim como outro irmão materno que mora em uma casa que fica logo atrás da casa da irmã. Ocorre que no momento em que eu cheguei estavam ele e a irmã conversando sobre o concerto da casa, onde a mesma reclamava que ele deveria parar de passear pela aldeia para ter tempo de chamar alguns homens para ajudar o irmão dele no concerto da casa, na cultura Apinajé, as casas são construídas e/ou reformadas pelos homens em coletivo. O que me chamou atenção nesse fato foi ele e a irmã conversarem sobre outros homens e o irmão deles fazerem o concerto da casa não o incluindo em nenhum momento na obra. O que me confirmou essa observação foi na ocasião em que o irmão chega da cidade e vai ao encontro do meu informante combinando a obra/concerto da casa também sem incluí-lo na atividade tratando-o de certa forma como irmã, demonstrando proteção. Outra coisa que me fez entender o papel dele dentro da família foram as atividades exercidas por ele, bem como, o modo como os outros o tratavam no cotidiano familiar e da comunidade, sempre o solicitando em atividades de predominância feminina dentro da etnia.

Em conversa com a irmã do meu informante, ela me conta que sua principal preocupação em relação a meu informante é seu contato com as bebidas alcoólicas

quando o mesmo vai à cidade. Entre alguns Apinajé, como em outras etnias também, há um problema muito grave de alcoolismo por conta do contato com a sociedade envolvente, ao que me parece, os indígenas tem uma vulnerabilidade biológica muito mais propensa ao alcoolismo que nós, não indígenas.

Todos os irmãos e eles próprio exibem nas paredes da casa diversas fotos da mãe em vários momentos do cotidiano e das festividades na aldeia misturadas, todas as vezes, a artesanatos, como colares, cintos, adereços ritualísticos de tornozelo usado muitas vezes pelos cantores, pulseiras, abanadores, côfos e esteiras povoando a decoração das casas, exibidos com muito orgulho tanto as fotos da mãe quanto seus objetos culturais.

Meu amigo demonstra muita afinidade com as plantas e muito orgulho com aquelas que ele mesmo plantou, como, por exemplo, uma mangueira que ele fez questão de me mostrar, que disse ele, plantou ainda criança. Ele parece um pouco tímido na presença da família, mas, ao mesmo tempo a vontade de estar entre os seus, percebo sua timidez nas suas negativas em falar sobre sua sexualidade, namoros e casos amorosos nesse ambiente, lá, na aldeia, ele prefere conversar sobre seu cotidiano, família, cultura e festas.

Conforme Giraldin, para entender a vida a qual está pesquisando e importante também entender sua relação com o meio ambiente pois essa relação diz muito sobre sua cultura e história e vice-versa, ou seja,

Nesse sentido, sem colocar as cosmologias como determinante, mas como informativa para a ação, é que pensamos que, em se tratando de povos indígenas, entender suas cosmologias e suas culturas é ponto indispensável para compreender suas histórias e suas relações com o mundo (e com o s elementos do meio ambiente) (GIRALDIN, 2013, p. 3)

Em setembro, em um dos eventos do projeto saberes indígenas na escola, promovida em uma aldeia da etnia Krikati (também conhecido como Timbiras também), situada no Município de Montes Altos – MA, conheci uma professora, Dr. Cristina eu ministra aulas no curso de Licenciatura Intercultural Indígena na Universidade Federal do Goiás (UFG), que ao saber da minha pesquisa me falou que conheceu meu informante e sua mãe quando o mesmo ainda era criança e que este apresentava características que o diferenciava dos demais meninos da aldeia desde sua infância, que o mesmo sempre andava com a mãe e entre as mulheres o que me confirmou tanto sua presença nos grupos femininos quanto sua ligação/elo tão latente quando ele fala da mãe e de seu sofrimento ao lembrar-se da falta que ela faz a ele.

Por diversas vezes tentei registrar meus encontros com ele e seus familiares, para arquivo pessoal, pois não pretendia divulgar neste trabalho desde que decidir não revelar a identidade de quem verdadeiramente estou falando, por escolha minha e por entender que não prejudicaria minha análise a não divulgação do seu nome.

Em uma de minhas estadas na casa dele é noite, e estamos em dia de festa e estão também chegando pessoas de outras aldeias para a comemoração, na casa estão todos confraternizando, conversando, comendo e aguardando o cantor chamar para iniciarmos as cantorias e danças no centro da aldeia. O que observo nesse momento, onde se encontram outros *panhĩ*, não percebo distinção no tratamento dos outros para com ele, pelo contrário, percebo sim, muita demonstração de respeito e carinho entre todos sem distinção de gênero alguma. Nesta ocasião, conheci a avó do meu informante, mãe da mãe dele, que assim como ele me recebi muito bem me carregando pelo braço para todos os lados em que ela ia neste dia, até me levando para dentro do grupo de mulheres que estavam no meio do pátio dançando e cantando quando as cantorias iniciaram, ao meu lado estavam, ele e a avó numa grande fila de mulheres em coro. Foi neste mesmo dia que conheci o *kupẽ* que falei no início, quando presenciei o choro de meu informante comunicando a morte de sua mãe ao visitante e também presenciei o canto de sua mãe produzido por sua avó, canto esse que eles chamam de *mýr* (choro dos mortos).

Ao voltarmos para a casa depois que findou a cantoria da noite, perguntei a ele se gosta mais de dançar ao lado das mulheres ou dos homens, ao que ele disse que gosta de estar dos dois lados e que normalmente fica um pouco em um lado e um pouco em outro, porém, nessa ocasião, talvez por ser meu anfitrião, permaneceu sempre no lado das mulheres.

Na universidade há alunos indígenas de etnia apinajé que converso com frequência, em um momento na aula de antropologia II, disciplina ministrada pelo meu orientador Professor Dr. Rafael da Silva Noletto, estávamos tratando do texto intitulado “Inversão sexual entre os Azande” de Evans Pritchard, um dos alunos Apinajé foi questionado se ele identificava algum indígena que tinha comportamentos homossexuais, o mesmo disse que não, mas que havia um indígena que apresentava comportamentos diferentes dos apresentados pelos demais homens na aldeia, este indígena em questão ao que fui perguntar ao aluno em outro momento tratava-se do meu informante. O que me chamou atenção foi o fato de este aluno não o identifica-lo como

homossexual mas sim como alguém com comportamentos diferentes e não inapropriados como alguns de não, sociedade envolvente, identifica esses sujeitos.

Em um de nossos últimos encontros, meu informante tinha resolvido se mudar de aldeia, afim de, ocupar uma terra indígena que estava desocupada junto com outros indígenas com a finalidade de fundar uma nova aldeia, bem como estava agora pela cidade fazendo pinturas corporais em não indígenas e cobrando pelas pinturas, dizendo ele que estava fazendo isso para comprar objetos de casa como panelas, pratos entre outros, também para poder auxiliar sua irmã nas despesas com alimentação da família, pois no grupo muitas coisas são coletivas, sobretudo os alimentos, ao passo que antes todos comprava mantimentos vendidos na cidade com a aposentadoria que a mãe deles recebia, mas, com a morte dela perderam essa renda e estavam no momento em processo de concessão de bolsa família em nome da irmã que tinha mais filhos. Neste mesmo ultimo encontro trocamos presentes e informei de minha viagem fato que o fez demonstrar tristeza e disse que caso eu me afastasse ele arrumaria uma mulher para casar mesmo não querendo para não sentir-se só, o que me faz pensar que apesar de não aparentar certo grau de preconceito de pessoas da comunidade com ele o mesmo se sente só em determinados momentos, pois, parece não ter identificação com outros indígenas, o que em minhas observações consegui identificar uns poucos rapazes que apresentavam características parecidas com a do meu informante, mais especificamente dois um ainda na adolescência e outro com uma idade mais avançada.

Finalizo este ensaio com uma citação de Margaret Mead (1988) que trata das diferenciações entre homens e mulheres que não necessariamente podem ou devem ser interpretadas como sendo próprias de uma “inversão” do que pode ser considerado como normal na interpretação ocidental, mas sim uma característica de um grupo que o diferencia do sujeito que o estuda e que em determinadas ocasiões, o que é considerado pelo próprio grupo como “inversão” aos costumes deste não lhe parece um grande problema quando este se encaixa na lógica da comunidade mesmo com suas diferenças, desta forma,

Homens e mulheres são socialmente diferenciados, e cada sexo, como sexo, é forçado a conformar-se ao papel que lhe é atribuído. Em algumas sociedades, estes papéis socialmente definidos são expressos, especialmente, nas roupas ou nas ocupações, sem qualquer insistência nas diferenças temperamentais inatas. (MEAD, 1988, p. 25).

Ou seja, não há inversão onde não se enxerga a diferença entre os sujeitos dentro de suas ocupações desde que estes se enquadrem nos elementos característicos do gênero, sua sexualidade não será questionada em certo ponto.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUM, Eliane. A ditadura que não diz seu nome. **El País**. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2014/03/31/opinion/1396269693\\_200037.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/03/31/opinion/1396269693_200037.html)> . Acesso em Nov.2017.

CLASTRES, Pierre. O arco e o cesto. In: CLASTRES, Pierre. **A Sociedade contra o Estado**: pesquisas de antropologia política. São Paulo: Cosac Naify, 2012. p. 118-145.

FERNANDES, Estevão Rafael. **Decolonizando sexualidades**: enquadramentos coloniais e homossexualidade indígena no Brasil e nos Estados Unidos. 2015. 383 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Centro de Pesquisa e Pós-graduação Sobre As Américas (ceppac), Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

GIRALDIN, O. **Os filhos plantados**: a relação Apinajé com as plantas cultivadas. In: II Encontro Estadual de História, 2004, Feira de Santana. Anais Eletrônicos II Encontro Estadual de História ANPUH-BA, 2004. p. 1-15.

\_\_\_\_\_. **Axpên Pyrāk**: história, cosmologia, onomástica e amizade formal Apinajé. 2000. 252 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia Social, Departamento de Antropologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1988. 316 p.

NOLETO, Rafael da Silva. Comunidades sexualizadas: articulando raça, gênero e sexualidade na construção de nações. In: CANCELA, Cristina Donza; MOUTINHO, Laura; SIMÕES, Júlio Assis (Org.). **Raça, etnicidade, sexualidade e Gênero**: em perspectiva comparada. São Paulo: Terceiro Nome, 2015. p. 121-141.

ROCHA, Raquel Pereira. **A questão de gênero na etnologia Jê**: a partir de um estudo sobre os apinajé. 2001. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, Departamento de Antropologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.